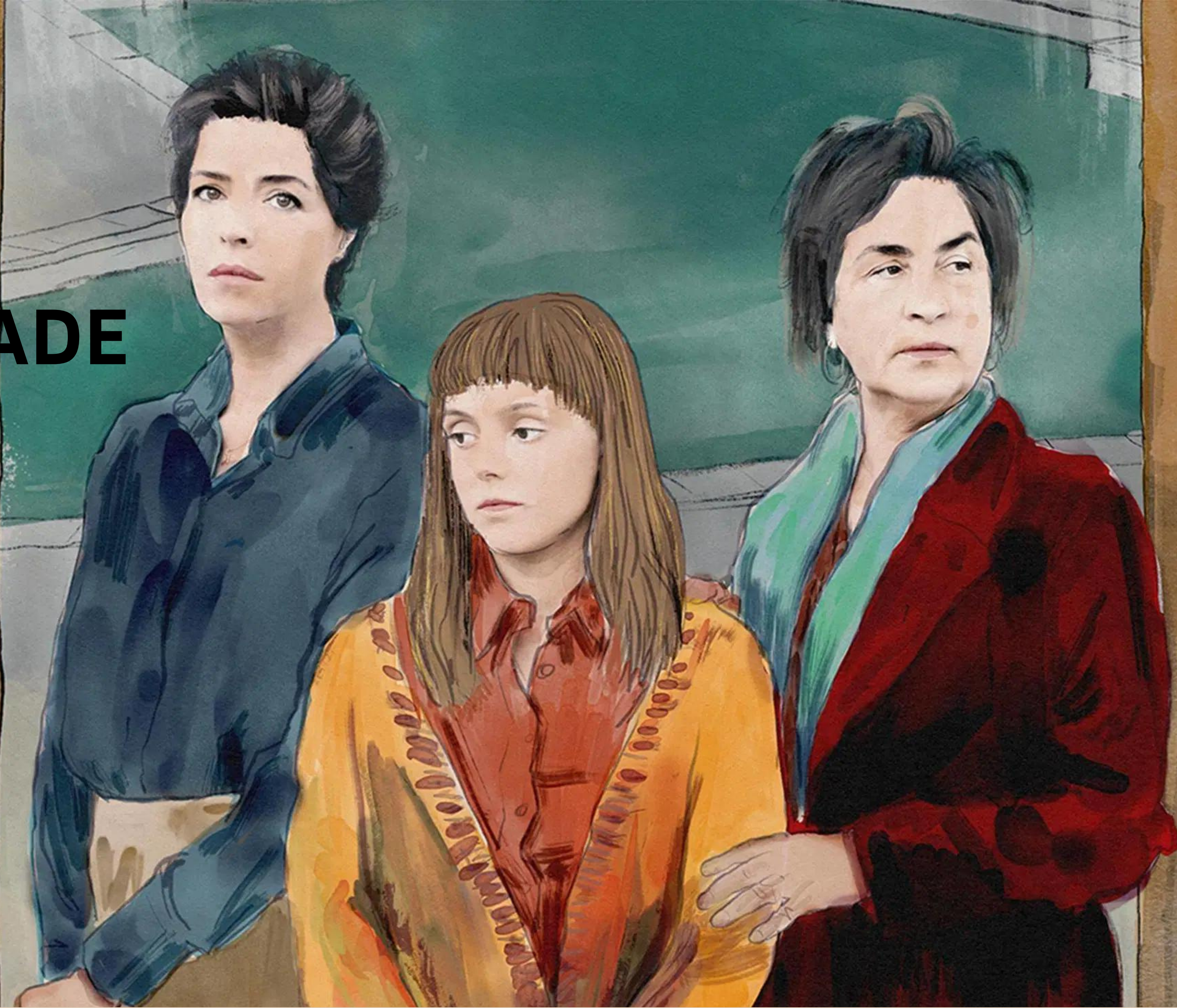


MAL VIVER E O ÓNUS DA MATERNIDADE OPRESSIVA

Leonor Lopes*, Margarida Matias*, Inês Monteiro Lopes**

* Médica interna de Psiquiatria,
Unidade Local de Saúde do Alto Minho, EPE

**Médica interna de Psiquiatria,
Unidade Local de Saúde do Arco Ribeirinho, EPE



Mal Viver | Viver Mal, o díptico do realizador João Canijo, é a expressão das relações patológicas sediadas na vinculação insegura com a figura materna. Passados no mesmo local e espaço temporal, os filmes funcionam em espelho, sendo a acção principal de Mal Viver o plano secundário de Viver Mal, e vice-versa. A uni-los está a visão pessimista dos predicados do núcleo familiar e a imagem irremediavelmente negativa da mãe.

A VINCULAÇÃO INSEGURA E O LEGADO EMOCIONAL DA MÃE

Em Mal Viver, Canijo mergulha profundamente na complexidade da vinculação insegura, um conceito central na teoria da vinculação de John Bowlby e Mary Ainsworth. As mães, figuras centrais no filme, são marcadas por traumas não resolvidos e frustrações pessoais que se refletem na forma como interagem com as filhas. A figura materna, longe de ser acolhedora e protetora, torna-se o foco de ressentimentos, amarguras e expectativas desmedidas.

O CICLO INQUEBRÁVEL DE SOFRIMENTO: AMOR E RESENTIMENTO

A profundidade psicológica de Mal Viver reside na sua representação de um ciclo inquebrável de amor e ressentimento. As personagens, embora profundamente ligadas pelos laços familiares, estão simultaneamente envoltas em sentimentos de mágoa, culpa e raiva. Este paradoxo entre o amor incondicional e o ressentimento é uma característica central das relações patológicas originadas pela vinculação insegura. Canijo cria um retrato visceral de como esses sentimentos se perpetuam, incapacitando as personagens de criarem vínculos saudáveis e de se libertarem dos fantasmas emocionais do passado.

O MITO DA MATERNIDADE IDEALIZADA

A crítica de João Canijo à ideia da maternidade idealizada é evidente ao longo de ambos os filmes. Em vez da mãe tradicionalmente vista como protetora, afetuosa e acolhedora, o realizador apresenta uma figura falível, frustrada e frequentemente destrutiva. Canijo questiona o conceito socialmente construído de que a maternidade é sempre uma força positiva, propondo que as mães, muitas vezes, são também marcadas por feridas emocionais profundas que as impedem de desempenhar este papel de forma eficaz. Assim, a maternidade, longe de ser redentora, torna-se um espaço de dor e sacrifício, onde a transmissão de inseguranças molda negativamente a psique dos filhos.

João Canijo expõe com brutalidade como as feridas emocionais são transmitidas de mãe para filha, criando uma espiral de ressentimento, culpa e dependência que aprisiona cada personagem num ciclo inquebrável de amor amargo. A narrativa de Mal Viver evidencia a forma como o passado emocional reverbera no presente, arruinando a possibilidade de relacionamentos saudáveis e perpetuando um legado de dor. Ao retratar de forma crua a transmissão intergeracional de traumas, o filme deixa o espectador a refletir sobre o poder corrosivo de um afeto mal resolvido, sugerindo que, sem a consciência e a quebra deste ciclo, o sofrimento emocional torna-se inevitável.